

A (IM)PIEIDADE DE AQUILES

ANDRÉ MALTA CAMPOS*

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

RESUMO: O objetivo deste artigo é mostrar brevemente o vínculo existente, em Homero, entre as noções de *piedade/religiosidade* e *pena/misericórdia*, valendo-se da análise do comportamento de Aquiles na *Ilíada*, sobretudo no CANTO 24, e recorrendo a alguns apontamentos de Aristóteles em sua *Retórica*.

PALAVRAS-CHAVE: *Ilíada; Aquiles; piedade; misericórdia; respeito; súplica; perdação.*

Quando tratamos da *épica grega antiga*, é comum nos referirmos ao sentimento de *piedade* documentado pelos poemas de Homero. Nessas referências, a palavra *piedade* é empregada sempre no sentido de *religiosidade*, de devoção aos valores que regem a relação entre homens e Deuses, e também a relação entre os próprios homens. Nessa acepção, o termo acabou por manter um dos significados principais de *pietas*, seu antepassado latino. Mas, como sabemos, não é só esse o sentido de *piedade* em nossa língua; há ainda um segundo uso, talvez hoje mais corrente e que, a bem dizer, está implícito no primeiro: trata-se dos casos em que *piedade* é empregada como equivalente de *pena* ou *compaixão* – aquilo que os romanos denominavam *misericordia*. Nesses casos, ela nada mais é do que o sentimento de pesar despertado em nós pelo infortúnio alheio – sentimento que, conjuntamente a outros, espera-se de alguém dentro do quadro mais amplo de sua devoção. Fica clara, dessa maneira, a vinculação dos dois sentidos, sendo-nos possível afirmar que a *piedade/pena* talvez não seja senão uma das várias maneiras pelas quais se manifesta a *piedade/religiosidade*.

Se, porém, voltarmos a Homero e formos procurar na *Ilíada* e na *Odisséia* equivalentes gregos para essas duas noções (tal qual vimos em latim, de modo simplificado, o par *pietas/misericordia*), constataremos, após uma minuciosa pesquisa, que a *épica* não possuía nenhum termo que designasse claramente a *pieda-*

de em seu sentido primeiro, mais largo. Talvez o termo *sébas*, que aparece seis vezes ao todo, seja o que chegue mais próximo disso, embora Autenrieth em seu dicionário acertadamente o equipare não a *pietas*, mas a *reverentia*, já que nele está destacada a idéia de assombro, “astonishment”.¹ O certo, nesse ponto, é que posteriormente a forma paralela *eusébeia* e o adjetivo *eusebés* constituiriam o correlato acabado, tanto quanto isso é possível, para *pietas* e *pius*.² De qualquer modo, o que nos resta sem sombra de dúvida desse breve exame são os substantivos *éleos* e *oiktos* – a piedade restrita ao seu sentido de misericórdia –, e seus respectivos cognatos: *eleéo* e *eleairo/oikt(e)tro* (“apiedar-se de”, “ter pena de”), *eleinós/oiktrós* (“digno de piedade”) e *nelés* (“impiedoso”). Em razão do vínculo estreito que, como dissemos, há entre as duas noções, piedade e pena, talvez fosse interessante mostrar como, na poesia homérica, o estudo da segunda fatalmente nos leva à primeira. Um dos caminhos que nos permitiriam descrever essa relação é a análise do comportamento de Aquiles na *Ilíada*, sobretudo em seu canto final, quando o Pelida se compadece do ancião Príamo. Antes, porém, de nos determos nessa cena, vejamos como o herói vinha se comportando até então, no que diz respeito à compaixão.

A noção de pena aparece, em Homero, freqüentemente associada a uma situação de súplica, *lité*: o suplicante, inferiorizado, espera suscitar misericórdia naquele a quem suplica e de cujo favor momentaneamente depende. É disso que trata já a primeira fala da *Ilíada*, dirigida pelo sacerdote Crises aos dois Atridas: o ancião, como se sabe, pede suplicando (*lissómenos*, v. 15) que os chefes dele se compadeçam e liberem sua filha cativa, Criseida. Embora nesse passo não esteja presente nenhum vocábulo referente à pena, ela está subentendida no diálogo – e podemos afirmar com segurança que Agamênon, ao recusar a súplica, revela-se impiedoso, sem compaixão para com o velho. Nesse canto, tal postura terá consequências desastrosas, culminando na renúncia de Aquiles em guerrear, e depois no enfraquecimento das tropas argivas. Do mesmo modo, no CANTO 9, o da embaixada junto a Aquiles (subintitulado pela tradição “Súplicas”, *Litai*), será a vez de o Pelida não se mostrar receptivo às solicitações de seus companheiros para que retornasse ao combate – e ser qualificado por Fênix como tendo “entranha impiedosa” (*neleès êtor*).³ A frase, vale lembrar, surge imediatamente antes da narrativa sobre a *áte*, que traduzimos aqui por “perdição”. São os vv. 496-514:

Mas vamos, Aquiles, doma teu grande ânimo! Não deves
ter entranha impiedosa: mesmo os Deuses são flexíveis,
e deles são bem maiores a virtude, a honra e a força;

a eles com os incensos, com os suaves clamores,
a libação e a gordura, os homens por fim aplacam,
suplicantes, quando alguém cai em transgressão e falta.
Pois as Súplicas são mesmo filhas do grandioso Zeus,
claudicantes, enrugadas e estrábicas dos dois olhos,
e que ainda se preocupam em seguir a Perdição;
mas a Perdição é ágil, robusta, e por isso corre
muito mais que todas elas, e é a primeira em toda a terra
a prejudicar os homens – que aquelas, vindo atrás, curam.
E quem respeita essas filhas de Zeus quando se aproximam,
delas ganha grande auxílio, e é ouvido em seu clamor;
porém, a quem as rejeita e rechaça duramente,
a esse elas então, indo ao Cronida Zeus, suplicam
que a Perdição siga, para que, prejudicado, expie.
Mas vamos, Aquiles, dá também às filhas de Zeus
a honra que faz a mente de outros bravos se curvar.

A conclusão é clara: quem não acolhe as súplicas cai em *áte*, em perdição – e, portanto, retomando a frase de Fênix, mostra ter “entranha impiedosa”. Temos, então, de um lado súplica e compaixão, e de outro ausência de pena e perdição. Rechaçar as duas primeiras significa incorrer nas duas segundas – esta, simplificando, a moral que nos ensina o relato. Nesse sentido, a referência feita há pouco ao comportamento de Agamênon no CANTO 1 não foi gratuita: na estrutura da *Iliada*, parece haver, à luz desse mito da *áte* (complementado no CANTO 19), dois ciclos, o do Atrida, do início do épico ao CANTO 9, e o do Pelida, desse mesmo CANTO 9 até o 24, ambos caracterizados por uma mesma seqüência, que se abre com súplica/ausência de pena/perdição e se fecha com súplica/pena/piedade.

No que diz respeito a Aquiles, essa ausência de pena⁴ – contrária à ordem estabelecida pelo mito e, portanto, ímpia – é mencionada outras vezes no poema. Ainda no CANTO 9, há dois passos importantes: do verso 300 ao 306, quando Odisseu pede que ele se compadeça (*eléaire*), se não do Atrida, pelo menos dos outros acaios; e do verso 628 ao 632, quando Ájax, irritado com a irredutibilidade do Pelida, refere-se a ele como sendo *nelés*. Na seqüência do poema, os argivos continuarão a censurar o herói nos mesmos termos. No CANTO 11, Nestor diz a Pátroclo estranhar a preocupação de Aquiles com os feridos, uma vez que ele não se apieda (*eleatrei*, v. 665) dos dânaos. O próprio Pátroclo recriminará seu companheiro no CANTO 16, chamando-o de impiedoso (*neleés*, v. 33) frente ao estado lamentável

em que se encontrava a tropa acaia – diálogo que terminará, como se sabe, com o Menecida revestindo as armas do filho de Tétis e partindo para a luta em seu lugar. A censura, na verdade, não parte só de Pátroclo, mas de todos os mirmídones, como deixa claro, nesse mesmo canto, o discurso do Pelida aos seus comandados, já alinhados e ansiosos para a batalha – discurso em que relembra que cada um deles o tachava de *neleés* (vv. 203-209).

Vemos, desse modo, que da recusa às súplicas por parte de Aquiles decorre um comportamento de impiedade – isto é, de ausência de compaixão pelas tropas e, por conseguinte, de falta de adequação aos preceitos estipulados.² Mas o sentimento de misericórdia aí – ou melhor, a sua ausência – não está relacionado apenas às *litaí*. Ele aparece, em Homero, em conexão com um outro termo fundamental, *aidós*, traduzido ora por respeito, ora por vergonha. Prova disso nos dão os não muito freqüentes – mas fundamentais – exemplos de coordenação entre os verbos *aidéomai* (“respeitar”) e *eleéo* (“apiedar-se de”). Para nos atermos à seqüência do poema, podemos citar dois passos, ambos extraídos do CANTO 22 e relacionados a Aquiles. No primeiro deles, do verso 111 ao 125, Heitor cogita consigo mesmo depor as armas e prometer ao Pelida devolver Helena, mas logo cai em si e reconhece que, caso faça isso, Aquiles não terá piedade dele nem o respeitará (*ho dé m'ouk eleései/ oudé tí m'aidésetai*). Mais à frente, com Heitor já morto, seu pai, Príamo, afirmará, prenunciando os acontecimentos do CANTO 24; que deseja ir ao encontro do Pelida para ver se ele respeita a sua idade e se apieda de sua velhice (*én pos helikien aidésetai ed'eleései/ gêras*, vv. 419 e 420). Essa ligação entre as duas noções, na verdade, já estava presente no mito de *áte* citado acima; lá, dizia Fênix, “quem respeita (*aidésetai*) as filhas de Zeus quando se aproximam/ delas ganha grande auxílio, e é ouvido em seu clamor” (vv. 508 e 509).

Com essa breve introdução, podemos nos deter agora na análise do encontro de Aquiles e Príamo no CANTO 24. Desde o CANTO 9 até esse momento, como estávamos apontando, o comportamento do Pelida vinha, em linhas gerais, sendo marcado pela *áte*, com o herói se mostrando sem compaixão e sem respeito, sobretudo pelo ultraje ao cadáver de Heitor. Um resumo dessa atitude nos oferece trecho do discurso de Apolo, o Deus Puro ou Purificador (*Phoïbos*), no início do epílogo do poema (vv. 39-54):

Mas quereis ajudar, Deuses, o destruidor Aquiles;
nem seu espírito é bem-fadado, nem seu intento
flexível no peito: mostra-se selvagem como um leão
que, depois de entregue a grande violência e sobranceiro

ânimo, ataca os rebanhos dos mortais, e banqueteia-se.
Assim Aquiles perdeu a piedade, e nem respeito
lhe ocorre, o qual prejudica muito os homens – e os ajuda.
Qualquer um pode perder alguém mais querido ainda
(um irmão do mesmo ventre ou até o próprio filho),
mas, depois de lamentar e chorar, deixa de lado,
pois as Porções impuseram aos homens resistente ânimo.
Mas ele, após roubar cara entranha ao divino Heitor,
prende-o aos cavalos, e em torno à tumba do caro amigo
o arrasta: pra si não é melhor nem mais vantajoso!
Tema, muito embora bom, que nos indignemos nós,
já que é uma terra embotada que ele ultraja com furor.

Com o desenrolar dos acontecimento, Aquiles terá de mostrar-se – segundo a determinação divina – respeitoso e piedoso⁶ para com o suplicante Príamo, que irá resgatar o cadáver do filho mediante a entrega de uma recompensa. Mas como, no encontro propriamente dito, o ancião desperta o sentimento de compaixão no assassino de Heitor? Leiamos antes o passo, um dos mais célebres e belos do poema (vv. 486-506):

Recorda-te de teu pai, Aquiles símil aos Deuses,
como eu idoso e à soleira tão funesta da velhice.
Talvez ele também seja acossado por vizinhos
à sua volta, e não há quem afaste a ruína e o fim.
Entretanto, *ele*, ao ouvir que tu ainda estás vivo,
vibra em seu ânimo, e tem esperança, todo dia,
de poder ver seu querido filho retornar de Tróia.
Mas *eu*, sou tão desditoso! Gerei filhos excelentes
na vasta Tróia, mas digo que *nenhum* deles me resta!
Quando os filhos dos acaios chegaram, tinha cinqüenta:
dezenove deles eram nascidos de um mesmo ventre;
os demais, outras mulheres os geraram no palácio.
Mas o arrebatador Ares afrouxou joelhos de muitos,
e quem pra mim era *único* – guardava a nós e à cidade –,
este há pouco tu mataste, quando defendia a pátria:
Heitor! É por causa dele que venho às naus dos acaios,
pra resgatá-lo de ti. Trago um imenso resgate.

Respeita os Deuses, Aquiles, e te apieda de mim,
 lembrando-te de teu pai. Sou mais digno de piedade:
 usei o que outro mortal sobre a terra nunca ousou
 – levar as mãos do varão que matou meu filho à boca.

Para entendermos melhor a cena – que, posteriormente, seria tomada como modelo pelos oradores² –, talvez fosse interessante nos valermos dos apontamentos sobre o sentimento de compaixão feitos por Aristóteles no livro 2 de sua *Retórica*. Resumindo, nessa obra o filósofo define *éleos* (1385b) como um tipo de dor que sentimos em relação a alguém que é vítima de um mal sem merecê-lo – “mal que nós mesmos tememos padecer, ou alguns dos nossos”, e isto “quando está perto de nós”. Nessa definição, a chave para entendermos o início do diálogo é a expressão “algum dos nossos”, pois vemos que Príamo menciona o nome de Peleu exatamente para que Aquiles veja que o mal do ancião é o mesmo que seu pai sofre: “Lembra-te de teu pai...,/ como eu idoso e à soleira tão funesta da velhice./ Talvez ele também seja acossado por vizinhos/ à sua volta, e não há quem afaste o desastre e o fim”. Nesses quatro versos, o ancião aproxima de si a figura de Peleu, num primeiro recurso para comover o herói acaio: ambos são idosos e assediados por belicosos vizinhos. A velhice, por sinal, é explicitamente mencionada por Aristóteles como um dentre os infortúnios dignos de piedade (*eleeiná*). É interessante notar que está dito também na *Retórica* que sentimos pena ao nos recordarmos (*anamnesthênai*) que tais coisas que afligem outrem aconteceram conosco ou a algum de nós (1386a); ora, é precisamente o imperativo do verbo recordar (*mnêsai*) que Príamo emprega para abrir seu discurso – para forçar Aquiles a se lembrar do pai e, assim, vendo que ele e Príamo são vítimas dos mesmos males, mostrar piedade.

A partir do quinto verso, porém, Príamo passa a traçar uma distinção entre si e Peleu: enquanto este “vibra em seu ânimo, e tem esperança, todo dia”, de ver Aquiles voltar de Tróia, o patriarca Dardanida lamenta que, de sua parte, não lhe restou nenhum dos seus “excelentes filhos”, sobretudo o que julgava “único”, Heitor. Ao final, o ancião vai então apelar diretamente à piedade do inimigo³ e retomar a construção que abriu o discurso; só que agora para realçar a *diferença* em relação a Peleu: “Respeita os Deuses, Aquiles, e te apieda de mim,/ lembrando-te de teu pai. Sou mais digno de piedade (*eleeinóterós per*):²/ usei o que jamais outro mortal sobre a terra ousou/ – levar as mãos do varão que matou meu filho à boca”. Vemos, portanto, que num primeiro momento o ancião tenta despertar a piedade no Pelida lembrando-lhe que um dos seus sofre mal parecido. Em seguida, porém,

ele mostra que o seu mal é na verdade maior, porque perdeu na guerra muitos filhos e, “há pouco” (segundo Aristóteles, em 1386b, o mal recente desperta mais piedade), o melhor deles, Heitor. Entretanto, aquilo que de fato o diferencia e o torna mais lamentável – não só que Peleu, mas que qualquer “outro mortal sobre a terra” – é ter de pedir piedade ao assassino de seu filho, ou seja, suplicar que se apiede de seu infortúnio aquele que é *responsável* por esse mesmo infortúnio.

Qual a reação de Aquiles a esse discurso? O Pelida, como sabemos, finalmente se mostra piedoso, e isso fica dito no verso 516, onde surge o particípio do verbo *oiktétron*: “condoído da grisalha cabeça e grisalho queixo” (*oiktétron polión te káre polión te géneion*). Na sua resposta, estarão ainda presentes outros dois elementos mencionados por Aristóteles em relação a *éleos*. Um deles corresponde exatamente ao apontamento de que se sente compaixão por quem mostra semelhança não só pela idade, mas também, para resumir numa palavra, pela estirpe (*génos*, 1385a). Se Príamo havia insistido na velhice, Aquiles, já comovido, destaca a riqueza e a fortuna (*ploutos* e *ólbos*) que aproximam os dois anciãos, o que, conseqüentemente, estimula o seu sentimento de piedade pelo inimigo. Ligado a este, o outro ponto – fundamental, mas que surge de modo sutil no diálogo – é o fato de que o mal que aflige Príamo (a perda do filho excelente) também está para acontecer com Peleu, já que ele, como o próprio Aquiles afirma, gerou um filho “prematureo em sua morte” (*panaóron*, v. 540). Ora, como está dito na *Retórica*, sentimos pena quando achamos que nós mesmos ou um dos nossos pode sofrer um mal idêntico ao que vemos a outra pessoa sofrer, principalmente quando este mal está perto (*plesíon*). Portanto, Aquiles também se apieda porque sabe que em breve também estará morto na guerra, que seu pai, assim como Príamo, estará igualmente chorando a perda do filho. Isso já ficara dito no CANTO 19 (vv. 334-337): “Quanto a Peleu, acredito que esteja completamente/ morto, ou que, talvez vivendo ainda um pouco mais, sofra/ com a velhice hedionda, e aguarde sempre de mim/ horrenda notícia, quando saberá de minha morte”. Assim, ao contrário do que o ancião troiano diz, o Pelida julga o pai vítima dos mesmos infortúnios. Talvez seja precisamente esse descompasso a causa da reação ríspida de Aquiles na sua fala seguinte, uma vez que o ancião, pelas suas palavras (vv. 556 e 557), parece não compreender que Aquiles não retornará à sua terra pátria.

Essa breve análise do diálogo nos permite assim perceber, com a ajuda de Aristóteles, de que maneira se manifesta o sentimento de pena em Aquiles – sentimento que, como vimos, está intimamente ligado à súplica. Entretanto, embora a *Retórica* tenha nos auxiliado, é bom esclarecer que a definição de *éleos* nela contida, como era de se esperar, não se aplica inteiramente à épica. A principal ressalva diz

respeito ao fato de o surgimento da pena estar, segundo Aristóteles, relacionado à possibilidade de se sofrer um mal. Sabemos, porém, que em Homero os Deuses, ainda que momentaneamente sofram, são por natureza isentos de males – e que, não obstante, mostram compaixão para com os mortais. Neste próprio CANTO 24, Íris diz a Príamo que Zeus por ele “muito se aflige e apieda” (*méga kédetai ed’eleairei*, v. 174).¹⁰ Essa compaixão divina naturalmente difere da compaixão cristã à qual estamos acostumados. No Cristianismo, deve-se sempre mostrar compaixão, independentemente das circunstâncias, e a misericórdia divina é irrestrita. Na moral grega antiga, de que Homero nos dá testemunho, o sentimento de pena – tanto divino quanto humano – não é ilimitado, mas restrito ou condicionado. Na verdade, ele se liga, como já apontamos, à observância do respeito, *aidós*, nas relações entre os caros, *phíloi*.¹¹ Príamo é um ancião piedoso, que não se esquece dos Deuses, e por isso a piedade divina lhe é concedida. Do mesmo modo, Apolo e os demais Deuses se apiedam de Heitor (*eleátron*, v. 19, e *eleáreskon*, v. 23) porque ele jamais faltava com as “caras dádivas” (*phílon dórōn*, v. 68), porque nunca se esquecia das divindades (vv. 426-428). As dádivas aí eram “caras” por que o troiano era “caríssimo” (*phíltatos*, v. 67) aos Deuses, porque entre eles havia uma relação de *phíloi*. É esse mesmo respeito pelas coisas divinas que determina que os homens mostrem misericórdia para com aqueles que lhe são *phíloi*, quando a situação assim o exige.

Para concluir, seria oportuno retomarmos a reflexão presente no início do artigo, quando sugerimos que *sébas*, ainda que imperfeitamente, talvez fosse o termo em Homero que mais se aproximasse da *pietas* latina. Num passo do CANTO 18 da *Iliada*, Íris diz a Aquiles que é preciso que ele mostre *sébas* (v. 178), a fim de não permitir que o corpo de Pátroclo seja devorado pelos cães. Ora, em seu comentário a esse verso, o arcebispo Eustácio (séc. XII) propôs como sinônimo de *sébas* exatamente o termo *aidós*,¹² mencionado aqui como elemento imprescindível ao nosso entendimento da compaixão. Isso nos leva a retomar uma linha fundamental da fala de Príamo, “Respeita os Deuses, Aquiles, e te apieda de mim” (*all’aidéō theoús, Akhileú, autón t’eléson*), e enxergá-la sob uma nova perspectiva, percebendo que nela estão presentes – e, mais do que presentes, coordenadas – tanto a piedade em seu sentido de pena (“te apieda de mim”) como a piedade em seu sentido amplo de religiosidade (“Respeita os deuses”). É, em outras palavras, um apelo do Dardanida para que o Pelida mostre *aidós* e *éleos*, como já cobrava o Deus Apolo no verso 44, e portanto seja piedoso sob todos os aspectos. Para isso, entretanto, ambos terão que se comportar momentaneamente como *phíloi*. Importa lembrar que, no CANTO 9, durante as súplicas, Ájax apelara ao respeito de Aquiles (*aidessai*, v. 640), ressaltando que todos almejavam ser *phíltatoi* ao

mirmídone (v. 642). Naquela altura, porém, o herói não mostrou respeito e, conseqüentemente, a compaixão que se esperava dele, um *phílos*. Neste CANTO 24, no entanto, Aquiles, através do recebimento de dádivas, acaba por tratar Príamo como um *phílos*.¹² O vocativo “caro ancião” (*géron phíle*, v. 650) surge como sinal incontestável da relação que se estabelece, ainda que momentaneamente, entre os dois inimigos: para com um *phílos* devemos manifestar toda a nossa piedade, o nosso *aidós* e, se necessário, o nosso *éleos*.

NOTAS

- * Professor Doutor de Língua e Literatura Grega do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do DLCV-FFLCH-USP
- 1 G. Autenrieth, *Homeric Dictionary*. Translated by Robert Keep. London: Duckworth (1877), p. 283. Idéia similar é expressa, em Homero, pelo substantivo *hágos*.
 - 2 Segundo Zorell, *sébas* é o *timor uerecundus uel religiosus*, “o temor respeitoso ou religioso”; já para *eusébeia* a sua primeira definição é exatamente *pietas*. Ver F. Zorell, *Lexicon Graecum Noui Testamenti*. Paris: P. Lethielleux (1931), pp. 538 e 1194.
 - 3 O adjetivo *nelés*, na *Iliada*, entra na composição de duas fórmulas em fim de verso: “bronze impiedoso” (*neléi khalkôí*, 3, 292; 4, 348; 5, 330 etc.) e “dia impiedoso”, isto é, “dia da morte” (*neleès êmar*, 11, 484; 13, 514, 15, 375 etc.).
 - 4 É em termos de pena que Arieti define o comportamento de Aquiles do CANTO 9 ao 24; segundo o estudioso, o herói passa do “pitiless world” para o “pitying world”. Ver J. Arieti, “Homer’s *litai* and *áte*” in *The Classical Journal*, 84 (1988): 1-12.
 - 5 Aquiles se compadece de Pátroclo no CANTO 16, mas esse compadecimento faz parte de uma estrutura trágico-irônica que não vamos abordar neste artigo.
 - 6 Segundo N. Richardson, “pity and respect (*éleos* and *aidós*) are keynotes of the whole of this book”. Ver G. Kirk (Ed.), *The Iliad: a Commentary*. Cambridge, Cambridge University Press (1985-1993), v. 6, p. 281. Para Macleod, “it is pity which is at the heart of Homer’s conception of poetry”. Ver Macleod, *Homer: Iliad, Book XXIV*. Cambridge, Cambridge University Press (1982), p. 14.
 - 7 Quintiliano, no início do Livro 10 da *Instituição Oratória*, após afirmar que é por Homero que deve começar o estudo quem pretende discursar bem (“pois é equiparável ao Oceano, no qual ele próprio diz ter início o curso de todas as fontes e rios”), faz a seguinte observação a respeito desse diálogo da *Iliada*: “Quanto ao prólogo, quem poderá um dia igualar as súplicas de Príamo quando roga a Aquiles?”.
 - 8 Como disse David Konstan, segundo transcrição de uma palestra sua sobre “Ancient Pity” (Columbia University, 13/11/99), “the appeal to pity normally came at the end of one’s speech”.

- 9 Lembre-se que, no verso 309 do mesmo canto, Príamo fizera a seguinte súplica a Zeus: “Dá-me ir a Aquiles sendo-lhe caro e digno de piedade”.
- 10 Como se sabe, um dos epítetos de Zeus é *hiketésios* (*Od.* 13, 213), o que indica sua ligação com o suplicante e, por conseguinte, com o sentimento de compaixão.
- 11 “*Aidós* ilumina o sentido próprio de *phílos*: ambos são empregados para as mesmas pessoas, ambos designam, em suma, as relações do mesmo tipo. Parentes, aliados, domésticos, amigos, todos os que estão unidos por deveres recíprocos de *aidós* são chamados de *phíloi*”. Ver E. Benveniste, *O Vocabulário das Instituições Indo-Européias*. 2 vols. Tradução de Denise e Eleonora Bottmann. Campinas, Editora da Unicamp (1969), v. 1, p. 336. O estudioso cita, comprovando essa ligação, as expressões *phílos te aidóís te, aidós kai phílotés e aidésthai kai phileîn*.
- 12 Ver W. Trollope, *The Iliad of Homer*. London, J.G.&F.Rivington (1827), p. 489. Leaf faz a mesma associação: “(it is) a feeling of reverence, like *aidós*”. Ver W. Leaf and M. Bayfield, *The Iliad of Homer*. 2 vols. London: MacMillan (1895/1898), v. 2, p. 436.
- 13 Conforme o ancião rogara a Zeus. Ver nota 9.

CAMPOS, André Malta. Achilles' (im)piety.

ABSTRACT: *The aim of this paper is to show briefly the bond, in Homer, between the notions of piety/religiosity and pity/compassion, through the study of Achilles' behaviour in the Iliad, especially in BOOK 24, and benefiting from some comments by Aristoteles in his Rhetoric.*

KEY WORDS: *Iliad; Achilles; piety; pity; respect; prayer; perdition.*